

FLORESTAS, FUTEBOL E DEMOCRACIA

*** Roberto Rodrigues**

Aprovado na Comissão Especial designada pela Câmara dos Deputados o relatório do Deputado Aldo Rebelo que reforma o Código Florestal, ficou evidente a insatisfação de todos os interessados, ambientalistas e produtores rurais. Aqueles porque acharam que foi um retrocesso, particularmente por causa da consolidação de áreas exploradas há décadas ou porque a APP passa a fazer parte da reserva legal; estes porque ficou estabelecida uma moratória de 5 anos, após a promulgação da lei, para desmatamento em todo país, inclusive no cerrado. Este item, aliás, poderá provocar uma corrida de interessados em desmatamento até que a lei entre em vigor, e é bom lembrar que ela ainda tem que passar pelo Plenário da Câmara e depois ir ao Senado; se for alterada no Senado, terá que voltar à Câmara dos Deputados e, se não for, irá à sanção presidencial, que ainda terá o direito de vetar partes. E os eventuais vetos poderão ser discutidos no Parlamento, etc, etc, etc.

Como está decidido que o Plenário da Câmara só votará o Código depois das eleições, é quase certo que só o próximo Presidente da República irá sancionar a lei: um bom começo de trabalho, sem dúvida, com um tema assim desnecessariamente ideologizado.

Mas o interessante do Relatório aprovado, é que ninguém ficou plenamente satisfeito, e isto é um excelente indicador: se apenas um dos lados estivesse feliz e o outro abatido, isso significaria que o trabalho teria sido parcial. A insatisfação geral é a prova do equilíbrio do projeto, exatamente aquilo que buscou Aldo Rebelo, uma lei que resolvesse os problemas do passado sem matar o futuro. Não é fácil. Mas isso é democracia: um regime difícil, que implica negociar, negociar, negociar até a exaustão em busca do consenso, e, quando este não é possível, em busca da solução que atenda à maioria. Isto significa que alguém vai perder.

Como foi perder a Copa, quando todo mundo sofreu, do povo, do parlamento, do governo.

Tem sempre muita gente comparando o futebol com as mais diferentes atividades, de modo que seria interessante tirar algumas lições desta Copa do Mundo relativamente ao governo.

Como um time, também o governo precisa jogar de forma planejada, objetivando o gol. Seus jogadores devem estar bem articulados entre si, cada qual cumprindo sua missão de forma cabal, sem ser “fominha”, em busca da vitória, que interessa a todos.

No governo, quem joga na defesa? O goleiro, sem dúvida, é o Banco Central, que não pode deixar a inflação entrar.

Os beques são os atores da política econômica, os Ministérios da Fazenda e do Planejamento, mas a defesa toda não pode cometer faltas perigosas, como juro alto e imposto elevado, porque isso cria ameaças ao bom desempenho da equipe.

No meio-de-campo está o segredo da seleção: se for burocrático, pouco criativo, lento, apático, - ou violento -, a bola não chega ao ataque e os gols não

saem. Vai tudo na base do chute. O volante principal é a Casa Civil, secundada pelo Itamaraty, Ciência e Tecnologia, Transportes, Meio Ambiente, e pelos bancos públicos, especialmente o BNDES.

Coordenados, estes players devem fazer lançamentos precisos, criando chances de gol para os atacantes. Estes são os ministérios ligados à Agricultura, a Indústria e Comércio, a Minas e Energia, e preparam os lances para o centroavante fazer os gols.

E aqui é que está o segredo da estratégia de uma equipe de governo: o centroavante, o fazedor de gols, que resolve mesmo, é o setor privado. É ele que sabe driblar a defesa adversária, conhece os segredos das gingas e do drible, chuta com os dois pés, com força ou colocado, cabeceia com firmeza, leva pancada o tempo todo, mas precisa ficar em pé. Ele é quem salva a pátria: são os empresários e os trabalhadores.

Por isso, têm que receber a bola redonda.

Um bom técnico deve entender este fato: ele não tem que marcar o gol, tem que montar o time com esta visão do coletivismo, da parceria completa entre o público e o privado. Ele será glorificado se o time for o campeão, será lembrado eternamente como o grande estrategista, mas não deve entrar em campo para jogar: fica na lateral, estudando, instruindo, mudando as peças ineficientes com rapidez e objetividade.

Daqui a 3 meses vamos escolher o novo técnico do nosso governo: tomara que o eleito tenha esta visão da integração, e escale um meio-de-campo eficiente e capaz.

Aliás, pensando bem, o técnico da Seleção Brasileira de Futebol deveria ser eleito pelo povo todo, em eleição direta. Não faz sentido ele ser escolhido por uma única pessoa: isto não é democrático!

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da FIESP e professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal**